

Fragmento 1

Antecedentes da pergunta

A angústia hoje se dilui em variantes que a despojam de todo valor ético. Pânico, ansiedade, fobias, sintomas psíquicos e somáticos migratórios, culpa e depressão por falta de reação. Como sempre, tenta-se suprimi-la mediante narcóticos, álcool, cogumelos, palavras mágicas, ritos religiosos e outros fármacos que agora a ciência provê.

Ao mesmo tempo em que Marx introduzia a noção de sintoma social, em 1844, Kierkegaard introduziu a angústia como conceito. A angústia não é definível como social nem plural, é pessoal e está ligada ao pecado, à própria escolha com base no saber do sexo – *sexo* no sentido próprio do termo, *corte* –. Em oposição a todas mediações do saber absoluto hegeliano, o sexo é, para Kierkegaard, o único caso em que a síntese implica contraposição e exige escolha. Não há realidade intermediária e, se se requer uma, ali está a angústia. Faz isso discretamente, seu texto *Begrebet Angest* é publicado sob o pseudônimo de Vigilius Haufniensis. Freud inaugurará uma disciplina nova ao considerar abertamente que angústia e sintoma, para o falante de línguas equívocas, incluem o sexo como condição causal.

No inóspito contexto alemão de 1927, Heidegger explicava que a angústia não se produz frente a nenhum objeto do mundo, e sim frente a *mundus* (ordem) como tal, esse mundo que duplica o corpo e que Lacan, que o lia com cuidado, reduziria a um objeto *a*. A angústia nos extrai da realidade cotidiana e impessoal do discurso comum, do mercado em que as coisas têm valor de troca ou de descarte. Essa ordem de mercadorias se impõe a todas as referências, deixando o falante mais e mais vulnerável a uma angústia que, subitamente, o reduz ao corpo como *solus ipse* em um mundo shopping, não-lugar, *unheimlich*. Por isso, a certeza da angústia, ainda sem realidade, assinala a possibilidade, a iminência certa de Outra coisa.

A cura que propõe o filósofo é a introdução da existência singular no tempo, a cada dia lhe basta seu afã (*Sorge, souci*), a cura consiste na ação do ser para a morte. Várias décadas antes, Freud havia advertido que a angústia não se produz só nessa perspectiva e, sem pseudônimos, introduz o ser para o sexo, o ser dois: a angústia é perante o corpo Outro, o desejo do Outro, a relação deficiente com o Outro, o abandono e, inclusive, o desejo de morte (do Outro).

A solução filosófica, neutra ou genérica, se limita à autoajuda; você lê o manual e se vira como pode. A solução científica é o fármaco; você entrega seu corpo como ente bioquímico. O dizer de Freud aposta no encontro de um Outro capaz de escutar e de fazer falar a angústia, levá-la ao campo subjetivo da interpretação, do sintoma e da transferência. Passar da certeza a acreditar nela (*y croire*), acreditar que ela *quer dizer* algo.

Gabriel Lombardi, Buenos Aires, 23 de julho 2023

Tradução: Maria Claudia Formigoni